



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

15 de Janeiro de 2011 • Ano LXVII • N.º 1744

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Tempo de Natal

O calendário, este ano, *colou* os momentos especialmente tónicos deste Tempo, uma vez que a *Sagrada Família* ocorreu logo em 26 de Dezembro, a semana da Oitava nos trouxe num instante à *Solemnidade de Santa Maria Mãe de Deus*, que nos introduziu, já na Liturgia da tarde deste 1 de Janeiro, na celebração da *Epifania do Senhor*.

É este acontecimento que a Misericórdia de Deus prodigalizou aos homens o fecho do Tempo de Natal, embora o ponto efectivamente final das celebrações seja a *Festa do Baptismo de Jesus*, o qual seria realizado trinta anos depois no início da Sua Vida Pública. Pode parecer estranho este desfasamento: trinta anos, tantos quantos Jesus viveu anónimo em Nazaré! Porém, a evocação, agora, do Baptismo ajuda-nos a compreender o significado profundo da Epifania, o que ela acrescenta ao significado do Natal — no que os cristãos, em maioria, não atentam.

No Natal Jesus aparece; há já alguma *manifestação* de Quem é, mas no âmbito restrito dos seus conterrâneos, dos que esperavam a Promessa de um Salvador. A Epifania é uma porta que se abre, um rasgar de fronteiras: aquele Menino não vem exclusivamente para Israel; é para o mundo inteiro, para todos e cada um dos homens de todas as gerações. A *manifestação* aos Magos é o princípio: «Onde está — perguntaram eles — o rei dos judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para nos prostrarmos diante d'Ele».

A identificação do recém-nascido que procuravam como rei é um acto profético que tem imediatas consequências da parte do rei Herodes «que ficou perturbado e com ele toda a Jerusalém». Por esta circunstância, Jesus é logo constituído «Sinal de contradição». E Ele próprio, no diálogo com Pilatos, no pretório, confirmará a sua realeza que «não é deste mundo» nem concorre com as realezas do mundo, mas — «é como dizes, Eu sou rei».

Continua na página 3

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».
9. Acrescentamos ainda o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».



NO SANTÍSSIMO NOME DE JESUS

Padre João

DESEJOU, o Padre Américo, que a Obra da Rua se abrigasse sob a égide do Santíssimo Nome de Jesus.

«Coisa» grande este nome! — Significa o próprio Deus em seu poder de salvar, de curar.

O garoto de braços abertos, é uma «cátedra suplicante» — Deus escuta e salva. Era o «Quim mau». Mas, bem podia ser essa multidão faminta de Rapazes salvos ao longo destas mais de sete décadas... Pode bem ser, também, uma outra multidão anónima que, fitando os olhos no Padre Américo, não deixa de ouvir no seu íntimo: «Vai e faz o mesmo», aumentando, cada vez mais, «dioptrias» ao olhar do coração, até que se torne «um coração que vê» e age em conformidade com o Mandamento Novo. «A Caridade é o vínculo da perfeição» (Col 3-14).

O Padre Américo foi, no seu tempo, e continua ser no nosso,

uma resposta de Deus às súplicas dos Pobres. Uns, esfarrapados no corpo, porque o pão corporal não chega — morrem, diariamente, cento e cinquenta mil pessoas de fome, quarenta mil são crianças. Outros, dilacerados na alma, porque os bens do mundo, como «silvado sobre o poço», não deixam ver límpida e pura a água da nascente, ali mesmo bem rente ao coração.

A Obra da Rua nasceu por estas alturas («Era 7 de Janeiro de 1940»). Tudo ainda cheirava a Natal — a Festa resplandecente do Amor de Deus para com a Humanidade: «Por nós homens e para nossa Salvação...»

Recordava-nos o grande Bispo Santo Ireneu a tão grande condescendência de Deus, sinal da Sua própria Glória: «A Glória de Deus é o homem vivo; a vida do homem é a visão de Deus».

A partir do Mistério da Encarnação, nada do que é verdadei-

ramente humano é indiferente ao olhar de Cristo. Ele esconde-se no «humano» e é na fragilidade que se mostra a Sua «potência». Ele quer ser tocado na debilidade do doente e amado naquilo que de mais fraco há em cada um de nós, como recordava magistralmente Frei Roger: «Deus só sabe amar».

Qualquer tentativa de «ajuste de contas» em Nome de Deus, é sinónimo de perversão; só pode ser fruto dos nossos recalcamientos ou feridas do nosso coração dorido e carente.

Pai Américo, como instrumento de Deus, sensível, foi um adorador permanente da Humanidade Santíssima de Jesus. Por isso, podia gritar com Francisco de Assis: «O amor não é amado».

A sua Obra há-de ser continuada nas nossas vidas, frágeis, como bálsamo e unguento eficaz, sacramental, de tão grande Amor revelado no Santíssimo Nome de Jesus. □

O nosso Depósito no Porto

É uma peça importante da nossa organização, uma porta aberta que facilita as nossas relações com tantos Amigos da Invicta e arredores para quem é ponto de encontro. Foi assim desde 1943, no Espelho da Moda onde foi exposta a maquete do que haveria de ser a nossa Aldeia de Paço de Sousa e depois durante dezenas de anos ali se pensaram e avaliaram em comum momentos importantes da Obra. Ainda hoje quando tenho de passar nos Clérigos, o meu olhar evita aquele prédio, dorido por uma saudade profunda.

Há dez anos, já, o Depósito mudou para a CASA DINA na Rua Mártires da Liberdade, 30, onde não nos falta o carinho e o zelo dos de dentro, aberto a idênticos sentimentos dos que lá vão. E são tantos os que ali vão desobrigar-se da sua assinatura ou do desejo íntimo de partilhar connosco!

E quantos sinais de mimo nos dons que ali nos são entre-

gues e de que dou, só a título de exemplo e porque recente, um saco de chocolates acompanhado por uma carta que lhes servia de dedicatória e era ainda a maior doçura! Sim, é esta moldura de delicadeza a mais-valia de quanto ali nos chega.

Até os nossos livros são procurados por clientes da Casa que vêm pousado no balcão algum que alguém de lá vai lendo nos intervalos do serviço e manifestam vontade de o possuir. Pois aí está uma forma muito expedita de o fazer. Se há lá o que desejam, logo lho cedem. Se não, deixam a encomenda.

Mais trabalho para a gente da Casa que não é da que volta a cara ao trabalho, graças a Deus. A todos estes (são quase todos elas) o nosso obrigado bem sentido pela sua cooperação e pelo amor e alegria com que a prestam.

Padre Carlos

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

POBREZA «ENVERGONHADA» — Quando estava a falar há dias com uma colega e amiga juntamente com a qual tenho a incumbência de organizar uma série de actividades alusivas ao Ano Europeu do Voluntariado que não sejam mais uma série de conferências, veio à baila o problema da pobreza “envergonhada”. Não é coisa que seja nova na sociedade em que vivemos e na vida da nossa e da das outras Conferências Vicentinas. Há, no entanto, algo que é novo a este respeito. Por razões que todos conhecemos (desemprego, falências de empresas, endividamento de muitas famílias, situações de divórcio, etc.) o número de pessoas nesta situação tem vindo a aumentar nos últimos tempos e, provavelmente, esta tendência irá continuar nos próximos anos.

Lidar com este tipo de pobreza é difícil a vários títulos. Começa logo porque, ao ser “envergonhada”, é mais difícil de detectar do que a pobreza explícita. Exige, por isso, muito mais esforço e muitos mais cuidados por parte de quem, como os Vicentinos, deve estar na faina de ajudar quem é pobre.

Depois, mesmo quando os casos são identificados, nalguns deles há uma natural resistência das pessoas nesta situação em serem ajudadas, ou então não é fácil encontrar a forma adequada de o fazer de maneira a contribuir para melhorar a auto-estima delas e outros aspectos importantes para que possam ter uma vida melhor.

De qualquer maneira, para vencer estas dificuldades uma coisa é certa: é preciso um trabalho de muita proximidade e muito discreto. Ora é aqui que organizações com um modo de agir como o das Conferências Vicentinas podem e devem ter vantagens relativamente a outras que actuam de forma mais distante e com menos recato.

Como já disse, isto não é nada de novo na vida da nossa e da das outras Conferências. Desde há muito temos tido e continuamos a ter casos destes. O que pode e deve haver de novo é uma atenção redobrada para mais casos que possam existir por aí a precisar da nossa atenção. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

O BOM TEIMOSO — Foi em vésperas do Natal que o «Chola» me deu a notícia; o António José Miranda, o nosso «Tó Maluco», fora encontrado já sem vida, há vários dias, na sua casa em Paredes.

Por desencontros e burocracias, não pudemos acompanhá-lo até à sua última morada, que se realizou na sua terra natal, com muita pena nossa.

Deixa-nos, porém, a lembrança das suas passagens por esta sua Casa de Miranda, onde entrou em Setembro de 72, rumando, depois, à nossa Casa de Beire. Por este motivo orgulhava-se de pertencer às duas Associações de Antigos Gaiatos das Casas onde pertenceu; à do Centro e à do Norte. Fazia até questão de estar presente nos convívios de ambas; mas o que mais nos recorda não era o fado que cantava nesses encontros de família ou o chegar o papel aos olhos, tremendamente miópes, para conseguir ler. Lembramo-nos mais da sua permanente inquietude em relação aos seus «irmãos», sobretudo aos que viviam mais isolados, mais sós, tal como ele.

Muitas vezes nos ligava preocupado com determinado gaiato. Especialmente nesta época em que o apelo da família é mais forte, e pedia-nos que olhássemos por eles. Foi assim com o «Palhacito» e foi pela teimosia do Tó que acorremos às suas necessidades mais urgentes. Ele estava atento. E ligava sempre que podia.

Temos a certeza que o Tó já não está só. Vive eternamente acompanhado. Oxalá saibamos merecer o mesmo prémio. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Este fim-de-semana recebemos os Juniores do C. D. Torão, da A. F. Porto. Um jogo normal. Chegamos ao intervalo empatados 1-1, com um golo do «senhor comandante» Hugo Pina. Eles empataram de grande penalidade, mesmo em cima dos primeiros 45 minutos. Na segunda parte, depois de algumas alterações, acabamos por dar a volta ao resultado com a respectiva artilharia a funcionar: Hugo (1); Bruno (1); Joanhina (1) e Patrick (1). Tudo acabou em beleza, já que se tratava de verdadeiros amantes do desporto!

Uma semana depois foi a vez de recebermos a poderosa equipa do S. C. Nun'Alvares, também da A. F. Porto.

Toda a gente queria jogar o último derby de 2010. Os nossos Rapazes jogam com a «sensação absoluta» de que são imbatíveis. E têm sido! Há, aqui e ali, um ou outro menos convicto das suas capacidades, mas no conjunto, disfarça... e tudo vai rolando. Por vezes, temos que esclarecer... aqueles que julgam que tudo cai do «céu aos trambolhões» — e não cai! — É preciso lutar e nunca desanimar. Foi o que aconteceu este fim-de-semana. O adversário era daqueles de se lhe «tirar o chapéu», e não veio aqui só para passear. Tanto assim foi, que, um dos elementos da comitiva teve este desabafo: «Boa tarde. Aqui estamos para mais uma final. Pelo que se ouve dizer, vocês, não são “pêra doce”». Bem se foi dizendo que não era bem assim, mas eles, não foram em cantigas e entraram a todo o gás. Fizeram-nos a «vida cara»! Os nossos Rapazes tiveram que fazer das «tripas coração» e, para levarmos a água ao nosso moinho — como diz o povo — foi preciso arregaçar as mangas e muita concentração.

No final do jogo, registou-se mais uma vitória com golos de Bruno (1), Rogério (1), André «Garnisé» (2) e Erickson (1). Este último golo foi muito festejado, já que se tratava de um jogador que não é habitualmente titular e, acaba por ser a «arma secreta» do Grupo Desportivo.

Dimas, entrou a dois minutos do fim e, mais uma vez, mostrou a sua dedicação e compreensão para com o Grupo Desportivo.

O nosso «Yashin» continua a não brincar em serviço. Quem é que não se lembra do melhor guarda-redes do mundo nos anos 60?! O nosso António Pedro, apesar de não ser russo, é uma «fotocópia» dele! Não te envaideças... continua a ser humilde. Sim, porque sem ela, é tudo fogo de artifício!... E tem-se visto algum! □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

VIDA ESPIRITUAL — Em tempo de Advento e Natal, a 22 de Dezembro, como é bem preciso, alguns de nós tiveram a oportunidade de se preparar melhor para acolher o Menino Jesus. Assim, o Sr. Padre Rolando veio estar connosco, para celebrar o sacramento da Penitência, no nosso Oratório.

NATAL 2010 — Foi com ansiedade que vivemos o Natal de Jesus, deste ano. Andámos muito agitados, por estarmos de férias. Tivemos a ceia de Natal, em que comemos batatas com bacalhau e doces, no nosso refeitório, alindado. Pelas 23.00h, celebrámos todos a Missa da noite do Natal do Senhor, que terminou com o beijar do menino... Aliu (4 anos). Depois, tomámos uma refeição de leite quente e recebemos as nossas prendas, em sacos, preparados pela senhora D. Nazaré. No dia 25 de Dezembro, celebrámos também a Eucaristia, pelas 10.00h.

PENITENCIÁRIA — Como tem acontecido nos últimos anos, parte dos Rapazes da nossa Comunidade, com os Professores Paulo e Alberto e o nosso Padre Manuel, participou na festa de Natal da Penitenciária de Coimbra, a 17 de Dezembro, de manhã. Através do Sr. Padre Germano e com autorização do Sr. Director, ajudámos a animar essa manhã dos reclusos. Apresentámos a peça “Está-

tua viva” e cantámos o nosso “Hino dos Rapazes de Miranda do Corvo” e uma canção de Natal. Muito obrigado e coragem para todos!

VISITANTES — A 23 de Dezembro, vários e bons Amigos da Paróquia de Valongo, com o Padre José Alfredo, vieram visitar-nos, trazendo a sua generosa partilha. Almoçaram connosco e uma Engenheira amiga veio avaliar o telhado da nossa Capela, para ser arranjado. Ficámos muito agradecidos com mais esta prova de grande amizade.

A 28 de Dezembro, os adolescentes da Paróquia de Telões, Amarante, acompanhados pelo Padre Nélson, deslocaram-se à nossa Casa para conviver connosco. Trouxeram bens alimentares e merendaram. Na sala de TV, vimos imagens nossas, em PowerPoint, apresentadas pelo Prof. Paulo. Muito obrigado!

FÉRIAS ESCOLARES — Na época natalícia, houve naturalmente uma pausa escolar, que foi aproveitada entre nós para algumas actividades. Assim, na primeira semana, os Rapazes do 1.º ao 3.º Ciclos passaram pela sala de estudo com os Professores Destacados. Fizemos, como não podia deixar de ser, as obrigações. Tratámos o gado (porcos, ovelhas, gansos, galinhas, frangos e coelhos); descascámos batatas e cebolas, no celeiro da batata; e varremos os arru-

amentos. Ainda, enfeitámos alguns sítios e salas com motivos natalícios, e fizemos o nosso lindo Presépio, com musgo que fomos buscar aos montes e muitas imagens, tendo a gruta em destaque, com Maria, José e o Menino Jesus. Depois do Natal, alguns Rapazes foram passar alguns dias com familiares seus, tendo regressado todos, a maioria a 2 de Janeiro do novo ano. Outros ficaram em nossa Casa.

AGROPECUÁRIA — Com a persistência da chuva, como os terrenos estão encharcados, os campos de aveia aguardam outra altura para serem lavrados. Se não os semearmos, a junça invade-os. Depois da apanha da azeitona, foram desramadas as oliveiras. Nos montes, é preciso cortar pinheiros, por causa de uma lagarta que ataca os pinhais.

AGRADECIMENTOS — Neste tempo, em que estamos mais sensíveis aos outros, há Amigos que não se esquecem desta Família, por carta, e-mail (gaiatomiranda@sapo.pt), telefonicamente (239 532 125) e pessoalmente. Vários grupos, de algumas comunidades cristãs, fizeram campanhas de bens alimentares. De Casais do Campo, onde Pai Américo foi Capelão, veio bacalhau para a nossa consoada. A todos, agradecemos a vossa partilha e amizade. Esperança e paz em 2011! □

MOÇAMBIQUE

Moisés Alberto

NATAL PARA OS QUE NÃO TINHAM FAMÍLIA

— Chegado ao fim de mais um ano é tempo de perspectivar o próximo, mas contudo existe algo de muito importante que sempre renasce nos pensamentos e corações dos cristãos. A ansiosa espera da chegada de Cristo. O Natal!

Durante o ano se notou no comportamento de alguns gaiatos uma certa inquietação ou até desinteresse no que se refere à nossa vida. O que deu a perceber melhor; logo que o ano lectivo terminou, porque muitos manifestaram a vontade de irem passar as férias no seio das famílias de origem. E aqueles que tinham algumas pistas e precisam encontrá-las, também foram em busca das suas realidades. Ficando somente dois em casa, que poucas referências têm das suas proveniências.

Porém muitos dos gaiatos que já estão fora, e têm uma experiência relativamente à vida fora da Casa, decidiram, na companhia das suas esposas e filhos, se juntarem para vir a esta casa que afinal foi a sua verdadeira família para passar o Natal.

No dia 23 de Dezembro a Irmã, tratada por Mãe por todos, saiu com destino a cidade de Maputo, com o intuito de fazer alguns recados e terminar alguns expedientes de ordem laboral visto que eram as vésperas do Natal e precisava de organizar a vida de casa.

Na sua companhia levava dois Gaiatos dos mais crescidos e o motorista para juntos poderem procurar algo de muito interessante.

Ao entardecer quando regressa a casa por volta das 20h30 trazia no carro 13 meninos da rua com idades compreendidas dos 8 aos 14 anos. Todos sujos, rotos, cansados, famintos e feridos, sofrendo de sarna, tinha e outro tipo de dermatoses e enfermidades que a vida da rua oferece. Num termo menos comum mas de certa forma apropriado para a descrição do aspecto exterior daqueles meninos se diria uma espécie de farrapos humanos.

No dia seguinte, data de 24 apareceram mais sete meninos a pedir abrigo, pois souberam dos amigos; que alguns haviam sido recolhidos e queriam ter a mesma oportunidade. E carinhosamente foram recebidos. Neste leque de surpresas tivemos a oportunidade receber também o nosso menino Jesus um rapaz de 2 anos denominado Eugénio que veio na companhia da sua irmã de 10 anos e de outro de 5anos, ambos já há muito aguardando uma oportunidade para se agregarem à nossa família.

Eles participaram da vida quotidiana junto dos rapazes,



Eugénio e Pedro, dois «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Moçambique.

receberam roupa nova, ajudaram a preparar o presépio, tiveram vários momentos para se divertirem jogaram a bola, tiveram as refeições completas um momento para cada um repensar no “antes” e como achava que poderia ser o “depois” e cada um teve a oportunidade de ter uma conversa franca e aberta com alguns professores e pessoas que trabalham na Casa do Gaiato na área da psicologia para ajudar-lhes no sentido de descobrirem uma luz que pode mudar o rumo de suas vidas.

E assim passaram o dia...

A noite chegou houve a Missa celebrada pelo Padre José Maria carinhosamente chamado por Pai no momento da liturgia falou da importância e o significado do evento natalício. Dando a todos que estavam ali presentes a oportunidade de reflectir no que significa a vinda de Jesus para o mundo. Houve o jantar. Todos rapazes irradiantes e alegres cantavam os hinos natalícios ainda que alguns mal os cantassem mas os acompanhavam. E no dia seguinte eles foram entregues aos seus meios sociais enquanto esperam de uma oportunidade para cá estarem. Pois o maior número deles não têm a sua própria família, ou se tem é quase que inexistente facto que os obriga a andar nas ruas. Assim celebramos o nosso Natal acolhendo o próximo e dando atenção aos que realmente precisam de uma família. □

MALANJE

Padre Rafael

HOJE vou hospedar-me em tua casa. Precisamos de pessoas que tomem iniciativas sem medos do que os outros possam dizer... Precisamos de pessoas que criem nos outros por cima das estruturas e das ideologias... Precisamos de pessoas capazes de desfrutar de um simples encontro ou de uma conversa... Precisamos de pessoas que nos ajudem a crer, novamente, em nós mesmos... Precisamos e seguiremos na necessidade de escutar as palavras saídas de Teus lábios.

Por estes dias, Padre João Luís hospedou-se em nossa Casa do Gaiato. De muitos modos, cada um dos nossos rapazes, foi-lhe transmitindo a necessidade de Padres na nossa Obra. Também ele nos foi mostrando, através da sua sensibilidade e dos seus dons, que tem muito a dar a uma Obra que precisa renovar-se, reerguer-se, reencontrar-se com as suas origens, neste tempo muito difícil, mas nem por isso menos apaixonante.

Aproxima-se o final do período e os rapazes recarregam pilhas. A realidade é que, segundo as normas do Governo, nenhum aluno pode repetir o ano. Isto quer dizer que, quer se estude ou não, todos os alunos da primeira à quarta-classe passarão de ano. Assim, podemos entender que tenhamos rapazes que não sabem ler nem escrever com 15 anos.

Quinta-feira é o dia da independência, e como todos, na cidade, se preparam para receber o Primeiro-Ministro que vem celebrar o dia a Malanje, é melhor que nós fiquemos por Casa, para não termos dissabores com a polícia.

Ontem tivemos uma reunião com os maiores da Casa, para fazer um pequeno estudo da situação. Alguns episódios de álcool e algumas visitas às aldeias vizinhas, provocaram algumas situações complicadas. A verdade, é que todos saímos contentes da reunião e com vontade de continuarmos a lutar contra os cancros deste país, como são o álcool e a violência.

A Associação das comunidades que colaboram connosco já superaram os trezentos e são mais de 80 hectares cultivados. Segue aumentando o número e o entusiasmo. Este ano, para além da mandioca, cultivámos milho e feijão. O único problema é que temos de fazer tudo com um só tractor.

* * *

São cinco da madrugada e o ruído da chuva, a golpear as chapas do telhado, acordaram-na. Com os últimos pedaços de carvão que possuía, acendeu o lume para aquecer um pouco de água e fazer um chá. Pouco depois de ter acordado, a sua bebé começou a chorar. Para que não acordasse os vizinhos, deu-lhe o peito. Ela sabe que a bebé não se alimentará o suficiente, mas pelo menos fica mais calma. São cinco e meia e ela tem de se dirigir para a paragem do autocarro que a levará ao trabalho. A chuva não pára e ela não



espera mais. Abriga a cabeça com uma saca de plástico e a bebé com outra e põe-se a caminho. Antes de sair pede à vizinha, que vende artigos diversos em casa, que dê uma volta por sua casa onde ficaram mais cinco filhos e que veja se estão bem, pois que começaram as férias e não vão à escola.

Por fim, chega à paragem a tempo, pois o autocarro só passa por volta das sete da manhã. Ali, estavam apenas alguns dos trabalhadores, pois o resto não foi capaz de chegar a tempo, por causa da chuva. A conversa é a de todos os dias: saudações, como passou a noite, este ano a chuva é demais... Chega o autocarro cheio, só há cinco lugares livres.

Normalmente são dois os autocarros que passam, mas como um avariou, há mais de dois meses, têm de esperar que este volte a passar.

Espera pela segunda passagem e, agora, pode escolher um lugar, pois só viajam 13 pessoas. Ela sabe escolher os lugares do meio, para ver o mesmo que vê o con-

dutor e imaginar como o conduziria ela. Mas, hoje, os tremores causados pelo frio e pela chuva deixam-na inquieta e vai esfregando o corpiço do seu bebé para o manter quente.

Ao chegar, vai com as outras trabalhadoras apanhar mandioca, que está na água. Antes, entre risadas e jogos, vão às mangueiras apanhar algumas mangas e, depois, acendem uma fogueira para secar a roupa. Sempre lhes dá para rir quando se vêem numa situação destas e dá-lhes para se empurrarem e molharem como se fossem meninas de 10 anos.

Finalmente, começam a cortar e a descascar a mandioca para a pôr a secar ao sol que, por acaso, aparece. Elas aproveitam e preparam um pouco para o almoço, que normalmente é arroz com tomate. A chuva não pára durante toda a manhã e entre uma chuvada e outra chuvada, conseguem preparar toda a mandioca. Elas deitam à sorte quem vai descer ao fosso para retirar a mandioca húmida e voltar a molhar-se; claro, hoje o sorteio foi mais divertido.

Como é sexta-feira e tem pela frente o fim-de-semana, decidiu passar pelo escritório para ver se conseguia um adiantamento para comprar alguma coisa. O secretário recorda-lhe que já pediu adiantamento mais de metade do soldo.

Apenas recebe 60 euros todos os meses e com eles tem de manter os seus seis filhos. Como tem uma hora para comer, decide ir trabalhar na mandioqueira da associação que fundámos para os camponeses. Nela, conseguirá colher um pouco de kisaca para a ceia. São cinco da tarde. É hora de regressar a casa. Quando chegar, serão sete da noite. O seu nome pode ser Avózinha e é uma trabalhadora da Casa do Gaiato. □

SETÚBAL

Padre Acílio

O nosso Natal foi acarinhado por muita gente. Os rapazes ensaiaram uma pequena festa e deliciaram os seus irmãos com danças e representações alusivas ao Natal e revelaram-me capacidades para por de pé, novamente, as nossas festas.

O ano passado iludi-me com a iminência de uma cirurgia que nunca chegou mas este ano não vou ligar a isso. Se vier acontecerá. Quando aparecer, cá estarei. Não me irá atrapalhar os projectos.

O nosso salão está desocupado e limpo, embora a cobertura do palco, ainda em telha vã, o torne frio e de difícil aquecimento, pois a corrente de ar entrando pela porta, sobe pelas telhas do palco, impedindo que o calor da lareira se concentre no edifício mas, esta deficiência que colmataremos, não arrefece o entusiasmo da malta.

Várias iniciativas foram adocando o Natal dos rapazes. Os trabalhadores da Auto-Europa levaram 18 dos mais pequenos, ao circo em Lisboa e a uma festa no S. João de Palmela, onde os brindaram com ricas e proveitosas prendas.

A Secil que nos dá o cimento,

ao longo do ano, para as nossas obras, enviou-nos, com boas festas, roupas novas, brinquedos, calçado e, os trabalhadores tendo-se quotizado, juntaram mil e tal euros, enviados também com a ternura habitual.

A família do senhor Ramalho e o senhor João, trouxeram cada, um a sua caixa de bacalhau.

Amigos da Cova da Piedade, fizeram romaria até à Casa do Gaiato e, com cantares e prendas, partilharam o seu almoço animado e feliz.

A Dona Luísa continuou a sua campanha de meias. Entregou-nos milhares delas de todas as cores, feitios, estações e tamanhos, informando que o Dono do armazém onde as compra, é quem lhe dá mais.

A família dos frangos, pelo Natal, não se esquecerá de nós enquanto forem vivos. Todos os anos nos presenteiam com muitos quilos deles, depenadinhos e prontos a ir ao forno.

Muitas amigas e amigos se tornaram presentes, pessoalmente ou por correio, com as suas ofertas para a consoada e Natal desta Casa, que é diário. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A família veio toda até nós. O casal, a viver em união de facto — nome pomposo que alguém arranjou para que a lei humana dê cobertura e força a estas situações — trouxe os dois filhos que, não sendo dos dois, são queridos por ambos.

Ele, como tantos homens desta zona de Portugal, teve nos últimos anos trabalho em Espanha, na construção civil. Lá como cá, este trabalho vai rareando. Estando já com meio ano de desemprego, embora subsidiado, algumas dívidas foram acumulando, porque este e o abono das crianças não cobrem as despesas da casa, e estavam convictos de que o trabalho não demoraria tanto tempo a aparecer.

Traziam uma carta do Pároco a atestar a necessidade de ajuda. Depois de os visitar em sua casa arrendada, pobre embora quente com o calor do fogão a lenha, ao que juntei o que provém desta família unida, concordei em que devíamos ajudar enquanto não chegar nova chamada para trabalhar em Espanha, que ele ansiosamente está aguardando.

O dramatismo que envolvia a vida das famílias dos emigrantes no passado, devido à separação e às distâncias, está hoje muito atenuado, sendo a falta de trabalho o que mais preocupa quem dá estas passadas.

Nós queremos ajudar sempre. Com união de facto ou sem este, casados ou separados, grupos ou indivíduos sós, conhecida a sua real situação de pobreza por uma carência qualquer, se é justo então devemos dar, e porque é justo, dar é o que se deve fazer. No entanto não deixamos de pensar, ou de dizer sempre que é justo fazê-lo, o que João Baptista faz ressoar pelos tempos fora sobre o que é lícito ou não. Hoje ninguém perde a cabeça por ser profeta, mas só é profeta quem perde o tino do mundo.

Outras duas situações tive a graça de conhecer e de partilhar para que não cheguem a ser desgraça. Primeiro foi um homem com pouco mais de trinta anos, que um dos nossos que saiu de cá há uns anos nos trouxe. A mãe deixou-lhe uma casa num bairro camarário quando o abandonou e ao pai, era ainda criança pequena. Mais tarde o pai faleceu. Entretanto foi-lhe diagnosticada uma insuficiência renal, pelo que a companheira com quem iniciara uma vida em comum, o abandonou também. De há vários meses para cá, sem conseguir exercer um trabalho, deixou de poder pagar a renda, as empresas fornecedoras cortaram-lhe a água e a luz, e tem sido na casa da família do amigo, que cresceu connosco, onde muitas vezes toma banho, come, e às vezes dorme, pois a pensão de invalidez que lhe deram, de cento e sessenta euros, não chega para cobrir todas as suas necessidades. Sendo um rejeitado desde tenra idade, foi outro abandonado que o acolheu e no-lo trouxe para que da sua vida não desespere.

Perante as dificuldades imprevistas que surgem na vida, há ainda quem reaja com heroísmo. No caso que se segue é de tal ordem que me deixou medo de que não possa subsistir. Trata-se de uma mãe de família cujo marido teve um grave acidente de trabalho na construção civil. Ficou invisível e muito afectado no cérebro.

Quando os fui visitar a convite da esposa, a quem ajudámos a revestir, a seu pedido, o chão de uma parte da casa que estava em cimento, de modo a ter melhores condições para receber o marido quando tivesse alta do hospital, estava ela passeando-o com todo o cuidado e carinho pela casa, e ele inconscientemente dizendo coisas sem nexos. Com medo de que não resistia, atrevi-me a aconselhá-la a arranjar um local onde o marido se pudesse distrair, pensando para mim que essa necessidade era primeiramente dela. Atrevi-me, e fiquei a saber que não era fácil consegui-lo.

Despedi-me com um Deus vos ajude. Só d'Ele virá a força para vencerem. O que nós fazemos é nada. O que Ele pode fazer é tudo. Aqui o profeta fica em silêncio e a vida desta Mulher é que fala. □

Tempo de Natal

Continuação da página 1

Na verdade a Epifania histórica que estamos celebrando, em que os Magos têm o protagonismo próprio dos que Deus escolhe para realizar os Seus desígnios é a primeira manifestação do Salvador no mundo. Vai ficar em suspenso os trinta anos da *vida oculta* e será consumada pelo próprio Jesus. Por isso a Igreja, Mãe e Mestra, na sua pedagogia, usa o Baptismo de Jesus, mais exactamente do que como ponto final do Tempo de Natal, como reticências cujo primeiro ponto mostra Jesus ainda Menino e o último vai encontrá-lo adulto no Jordão em nova teofania na qual é a Voz do Pai que O apresenta: «Este é o Meu Filho muito amado». Porque na História da Salvação não há descontinuidade. A vida oculta de Jesus não é paragem, mas lição de vida para nós outros que tantas vezes, menosprezando o silêncio, sofremos a tentação do activismo até para fazer o Bem. Neste ponto e fundado em muitos outros ditos e atitudes, julgo que Pai Américo não pensava conforme a literalidade da sua afirmação quando classificou os quase quarenta e dois anos que precederam a sua ordenação sacerdotal de «tempo perdido». Jesus nunca falou assim dos seus primeiros trinta anos de vida. D'Ele, de Quem nada se sabe desde a infância até «à sua perda e encontro no Templo com os Doutores», sabemos apenas que «regressou a Nazaré com Seus Pais e Lhes era submisso».

Os três anos finais são uma Epifania continuada: Mostrar o Pai («quem Me vê, viu o Pai»); e anunciar a proximidade do Seu Reino, que de muitas e diversas formas põe ao alcance de todos os homens que Ele conhece e ama um por um.

Epifania é o Tempo da Igreja que, tantas vezes e de tantos modos manifesta a presença de Cristo na História dos homens, pelo que toda ela é História da Salvação.

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Mais conduto

EM veloz globalização, neste ano o crescimento populacional mundial vai superar os sete mil milhões de habitantes. Volta um tema recorrente, que é o alarmismo *malthusiano*. A Terra não terá capacidade para alimentar a sua população com este ritmo demográfico.

Para que as crianças que vêm à luz, tenham alimentação, cuidados de saúde, instrução e infra-estruturas suficientes, é necessário encarar frontalmente os problemas da pobreza e das ameaças ecológicas.

Algumas regiões do Planeta, com o chamariz urbano, encheram-se de bairros de lata, sem condições de salubridade, apinhadas de migrantes, fugidos à miséria e às guerras. Também a pressão sobre os recursos naturais é tremendamente forte, em especial a desflorestação e o consumo de combustíveis fósseis.

Se Países ocidentais, em que tem diminuído a natalidade, gastam massivamente recursos, noutros como a Índia chegou a forçar-se gente pobre para campos de esterilização.

Neste extremo ocidental europeu, de cara para o Atlântico, Portugal tem sido um País de emigração e de acolhimento para muita gente. Daqueles que recebemos e deixaram a sua terra, à procura de melhores condições de vida, verificamos que a sua integração no nosso País tem sido possível também com boas vontades, oficiais, a cujas portas temos batido

persistentemente. *Dai a César o que é de César*. Sobreviviam, antes, na precariedade de alojamento urbano e com frágeis suportes parentais, pois estes mesmos nos foram rogando tanto que o seu acolhimento foi acontecendo, porque era emergente.

Na paisagem envolvente, onde crescem os filhos desta Comunidade, a maioria emigrantes, ainda há campos verdes, onde se corta feno. Próximo, um Metro emperrado que levantou velhos carris da linha da Lousã.

Receber crianças e adolescentes débeis, em situação de fragilidade, é um sinal evangélico da presença da Igreja junto dos pobres. Isto é consequência do crescente fenómeno das migrações. Entre nós, o aspecto multiétnico é notório. E não podem deixar de pertencer à mesma Família, onde todos se devem reconhecer como irmãos. A convivência harmoniosa entre eles, consideradas

as diversas proveniências, é um itinerário a percorrer. Quando vimos o N'anso, ansioso por vir, interpelou-nos: — *Sou muçulmano*. E, por estes dias, o Amadú, senhor do seu nariz, empertigou-se com o Aliu, que embufa a sério, e queria *chegar-lhe*...

Deus sabe qual o tecido humano discreto e persistente que não tem deixado de repartir, para alimentar as bocas que se abrem nas nossas mesas. Vários, depois do encontro com parentes seus, nestes dias, vieram dispostos a engolir sofregamente a comida, como um octeto de pequenos, cujos pratos, para o esparguete das travessas, subiram todos à uma e em coro uníssono: — *Mais conduto*...

O acolhimento de emigrantes é um sinal inquietante e interpelante. Os herodianos atentam contra a vida de tanta gente. Os cristãos e todas as pessoas de boa vontade são chamados a fazer como S. José: levantá-la e tomá-la pela mão. E fazer pequenas coisas; que o pão quotidiano não faltará. A grande multidão que Jesus viu, naquele tempo, foi alimentada a partir de cinco pães e dois peixes! □

PENSAMENTO

Pai Américo

Que o teu dar não resulte da emoção do meu pedir, mas, sim, do reparo e da consideração dos direitos do garoto da rua e do dever que nós temos de o defender. Homens esclarecidos, de consciência bem-formada e com inteira noção de responsabilidade, têm no mundo a missão de suprir o que falta aos pais destes filhos da rua, absolutamente incapazes, pela sua miséria, de lhes dar alimento suficiente e normas de vida sã. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VAI-SE alargando o leque de carências e misérias familiares e a gente entra em tal escuridão que não sabemos quando pára esta terrível inclinação para a extrema pobreza.

Na última sexta-feira, paguei rendas de sete casas e a algumas, dois meses «para sossegar os senhorios», mas a ninguém saldei todo o atrasado.

A situação da pobreza envergonhada é constringedora.

Até a mim repugna, olhar pessoas com graus universitários obrigadas à humilhação de se porem na bicha com gente ignorante, de baixo nível social, a aguardar, o que distribuímos.

Estamos no princípio de 2011, e tudo aumentou em relação ao ano anterior. Como é que desempregada há quatro anos, sem marido, coberta de dívidas pode satisfazer uma renda de 480€? Como? Se tem três filhos ainda pequenos, o mais velho doente e não encontra onde ganhar a vida?

Concorreu para uma empresa de limpezas e a resposta recebida foi que tinha graus académicos, os quais não eram compatíveis com a simplicidade das tarefas. Deve seis meses. Dei-lhe para dois e mandei-a à rouparia escolher vestuário para os filhos e à senhora, que lhe fizesse um avio.

O choro convulsivo, os desabafos angustiosos e incerteza tenebrosa do amanhã desta mãe, arrasaram-me. Ela dirige um palácio de nomeada, está farta de mandar currículos para todo o lado e ninguém lhe abre uma porta. Com quarenta anos ver-se rejeitada do mercado de trabalho e sem qualquer furo para ganhar: é desanimador. — Já

me tem chegado a ideia de por termo à vida! Se não fora os meus filhos já o tinha realizado!

É claro que lhe falei de Deus, da força que Dele emerge para lutar e não se deixar vencer, do erro que é julgarmo-nos donos da vida e poder dispor dela!

Soube então que era pessoa baptizada, com iniciação na vida sacramental e religiosa e mais que eu devo manter em segredo!

A outra abandonada, com cinco filhos, tenho pago rendas de 475€ mensais. É muito pesado. O mês passa-se num instante. Íamos remindo sempre que ela vinha com os filhos e... desesperando dizia-lhe: — *Não posso. Não se pode ater a nós. Procure uma casa mais barata.*

Ela conseguiu uma habitação social mas está toda destruída. Nem um tacho no chão! Tudo desapareceu: Portas e janelas, sanitas e bidés, lavatórios e bases de chuveiros. Nada! Só lixo e sujidade. Parece impossível mas eu vi com os meus olhos.

Um tio vai-lhe colocar o chão da casa. Levei oitenta metros de tijoleira com o respectivo cimento cola; portas e janelas. Cinco rapazes foram comigo na camioneta. Carregaram em casa, tudo para cima do transporte, e dispuseram-se a ir comigo descarregar também o material.

Uma caixa de tijoleiras dá para metro quadrado e meio. E eu ia-os animando: — *É uma boa obra com que terminamos o ano velho.*

Encosto a camioneta ao prédio. Por traz do veículo estava um tacho onde assavam, aquela hora, courtos e febras, se comiam sanduíches e bebia cerveja.

Eu sou conhecido no bairro. Todos os olhos se abriram curiosos e ávidos.

Os rapazes destaparam a carroçaria da camioneta, começaram a levar, caixa a caixa, a subir os degraus até ao segundo andar, lenta, mas decididamente. O tio e a senhora juntaram-se a eles.

Do tacho saíam ditos jocosos dirigidos aos rapazes. Eu observava e via dois mundos antagónicos: os meus sacrificavam-se fazendo o bem, os outros gozavam e comiam tentando desmoralizar. Os rapazes não ligavam, antes pelo contrário, terminaram a tarefa com alguma rapidez.

O dia estava chuvoso e não convinha que os ladrilhos se molhassem, uma vez que as embalagens eram de cartão e com a água desfaziavam-se facilmente.

Estas acções temperam a alma dos rapazes. O gozo de fazerem o bem sob chacota e a nobreza como a venceram, enriquece-lhes a personalidade e até, lhes fortalece a fé. Por aqui se vai ao Reino de Deus.

Passados dias, a pobre mãe, vem contar-me que tentaram roubar-lhes as tijoleiras durante a noite. Foi preciso chamar a polícia para afugentar os laráprios. E quem chamou? Quem se doeu? Um gaiato antigo que mora ali ao lado.

Esta semana é a dos pobres. Uma multidão irá bater-nos, à porta, esperando algo que lhes alivie a fome.

Um telefonema do Intermarche de Setúbal, e, lá vou eu carregar leite, iogurtes, azeite, óleo e massa. É o pai do céu a preparar a mesa dos pobres e nós a saborearmos o seu carinho assim manifestado. Não vem com estrelas, como outrora, mas aproxima-se com pão. □

BENGUELA

Padre Manuel António

A lei da nossa existência é a lei do amor: Na vida familiar, na educação dos filhos, nas relações com os outros. É a alma do mundo novo, ao nosso alcance. Quem dera o nosso coração fosse queimado por este fogo! Quando fizermos todo o bem que pudermos fazer, gozaremos da paz e alegria, os bens maiores da vida. Vamos entrar todos neste caminho estreito, certo e seguro, no Novo Ano? Sem medo das renúncias e dos sacrifícios que o amor verdadeiro nos pede? Estou a escrever-vos com os olhos postos na mulher sentada à porta, que veio pedir-me para receber três crianças. É mãe deficiente. O pai morreu, destruído pelas bebidas alcoólicas.

A nossa Casa do Gaiato está cheia de filhos. Espero encontrar, brevemente, a solução desejada para o grupo numeroso de rapazes mais velhos. A saída para a sua autonomia é a porta que passa pelo emprego que lhes garanta a sustentabilidade digna. Tem sido uma batalha dura. É, contudo, a condição para haver circulação de vida nova na comunidade familiar. Saem os mais velhos, entram novos filhos. Por isso, esta mulher vai esperar até que chegue o dia desejado. Os telefonemas vêm. A pressão é grande. Não podemos desanimar. Este problema humano é o mais aflitivo no princípio do ano.

As obras de reparação das residências dos rapazes também continuam à espera da ajuda financeira. Os gastos com a vida das centenas de pessoas, dependentes do auxílio da nossa Casa, absorvem os recursos disponíveis normais. A fonte que é o coração de cada um de vós não pode secar. Seria uma desgraça muito grande. Por isso, as despesas extraordinárias, mas necessárias, com as obras e outros investimentos, aguardam respostas diferentes para esse efeito. Continuamos a aguardar, como sempre, a vossa ajuda.

O tempo que está a decorrer é tempo de férias. Nesta zona, é a época do calor tropical. Como não temos uma casinha de praia para os nossos meninos, vamos utilizar, por empréstimo, uma moradia, na Baía de Santo António, às portas de Benguela. Os mais pequenos, divididos em quatro grupos, irão passar na praia uma semana cada. São momentos de lazer que os ajudam a crescer com equilíbrio e de forma saudável. Não lhes falta, graças à disponibilidade do José Luís e da Teresa, o acompanhamento verdadeiramente familiar e formativo. Estes tempos, vividos em comum, num ambiente agradável, ajuda-os a crescer na unidade, valor muito importante na vida presente e futura. O pensamento numa casa na praia, para o tempo de férias, onde todos os filhos, não apenas o grupo dos mais pequenos, pudessem gozar alguns dias, não se realizou. Como estamos próximos do mar, vamos suprimindo esta falta, de vez em quando.

Alguém chama por mim. Interrupção e desço. Mais um pedido aflito para receber dois filhos. Não podemos ser a tábua de salvação para todos os necessitados. São precisas mais Casas. Mas, quem vem e vai? Quem está disposto e disposta a dar a vida por amor? Quando, há tempos, alguém constituído em autoridade fazia a proposta do avanço da Casa do Gaiato para outros centros, não tive outra resposta senão a falta de vocações para este serviço e missão. Quem está disposto e disposta a dar a vida para que estes filhos abandonados tenham vida? O Pai que é Amor lança este desafio a cada um de nós, no início do novo ano de 2011. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

O Natal é símbolo de Paz. Foi assim anunciado, pelos anjos aos pastores de Belém: «paz na terra aos homens que Ele ama». E assim continua a ser chamado como tempo de paz. Curiosamente, aqui, em Moçambique, todo o mundo quer viver em paz este tempo, sejam cristãos ou não. Para isso, o Governo toma medidas severas para quem conduz alcoolizado e pelos bairros, a polícia, armada, anda de aspecto feroz, como se em guerra, para evitar desaccatos. É interessante observar como o consegue. Os meios de comunicação social estão atentos, fazendo apelos insistentes e vão reportando quaisquer anomalia, sobretudo dos casos que chegam aos Hospitais.

Claro que não são esses os caminhos que levam à Paz. Já disse Jesus: «se ao menos neste dia tivesses tu também conhecido Aquele que te pode trazer a paz, mas isso ficou oculto aos teus olhos!». É assim. Queremos o lado bom das coisas, mas elas têm o seu preço e esse não é com dinheiro que se compra por mais que ele abunde.

É como o óbolo aos pobres que, nesta quadra natalícia, abunda por toda a parte, onde podem chegar os fotógrafos ou a televisão. *Réclame* dá mais para notabilizar quem dá, mas não para descobrir a pobreza que abunda. Essa fica oculta aos olhos, por vezes, até, escondida com tapumes de blocos de cimento que artistas locais embelezam com a mais tradicional pintura moçambicana, como acontece à saída do aeroporto internacional, custeado e levantado em grande parte por operários chineses, que ninguém sabe onde moram, como vivem, com quem convivem, muito menos onde são sepultados quando morrem. Sabe-se mais de lá que deles aqui. Mas daqui fala-se muito de pobreza, talvez como medo de se falar só de riqueza. Que a há, há, mas sabe-se também que muita é exportada. Que devia ser um alarme a diferença entre o que entra em milhões e o que permanece dentro. Coisas para quem lida com riquezas, mas não para nós. É um mundo obscuro aquele onde a Luz é rejeitada.

Estou com muitas esperanças que o Povo, à nossa volta, esteja mais tranquilo com o regime das chuvas, que desde dois mil não eram regulares, porque muita gente não semeou. Em nossa Casa tivemos alguns atrasos, por causa das sementes. Fomos buscar ao Instituto Agrário: milho e soja que não satisfazem. Um campo foi novamente lavrado para milho. Só que este é branco e também no terreno do *pivot* nasceu muito mal. E foi lavrado uma segunda vez para dar primazia às outras culturas. O girassol, o primeiro a ser lançado à terra, está crescido, quase a florir. É um verdadeiro presente da natureza pela beleza da sua flor, e vai ser o maior presente de Deus às angústias e incertezas dos últimos anos. Vamos ter óleo de girassol, para nós, para as crianças das Creches e, se Ele quiser, há-de sobrar para os Pobres que não têm esperança, senão aquela que Deus coloca em nossas mãos. □